



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - *CAMPUS V***  
**CURSO DE LETRAS, LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS**

**ERIKA DOS SANTOS RODRIGUES**

**DA JANELA PARA A TELA: A ARTE POÉTICA QUE RESISTE NA ERA DIGITAL**

Santo Antônio de Jesus – BA

2025

**ERIKA DOS SANTOS RODRIGUES**

**DA JANELA PARA A TELA: A ARTE POÉTICA QUE RESISTE NA ERA DIGITAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus V*, como requisito de avaliação do componente curricular TCC.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carla de Quadros.

Santo Antônio de Jesus - BA

2025

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**ERIKA DOS SANTOS RODRIGUES**

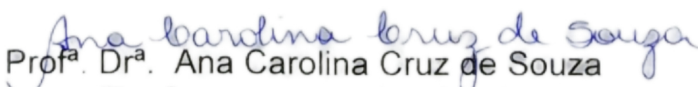
**DA JANELA PARA A TELA: A ARTE POÉTICA QUE RESISTE NA ERA DIGITAL**

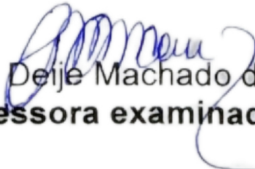
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus V, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas.

Aprovada em 17 de Dezembro de 2025.

### BANCA EXAMINADORA

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>.  Carla de Quadros  
(Orientadora)

  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Carolina Cruz de Souza  
(Professora examinadora)

  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Deije Machado de Mourra  
(Professora examinadora)

Santo Antônio de Jesus - BA

2025

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, à Nossa Senhora de Aparecida, a Oxum e a todos os Santos e Orixás por terem fortalecido a minha espiritualidade para seguir com fé.

Agradeço aos meus pais pelo cuidado, orientação e luta para me educar; à minha irmã caçula pela doçura; e aos meus colegas pelas risadas.

Agradeço aos professores que me ajudaram na construção do conhecimento e me inspiraram a traçar uma carreira na docência, profissão que pretendo honrar.

Agradeço à minha orientadora e cocriadora deste trabalho, Carla de Quadros; suas aulas abriram reflexões que guardo comigo e me melhoraram como ser humano. E, como ela sempre diz: "A literatura salva" e me salvou.

É do ouro de Oxum que é feita a armadura que cobre o meu corpo.

Sou como haste fina: qualquer vento verga, nenhuma espada corta!

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>02</b>
<b>2</b>	<b>DEMOCRATIZAÇÃO, ACESSO E A REINVENÇÃO DO ENCONTRO LITERÁRIO.....</b>	<b>04</b>
<b>3</b>	<b>DO PAPIRO AO FEED: O HISTÓRICO DA POESIA E A TRANSIÇÃO PARA O DIGITAL .....</b>	<b>07</b>
<b>4</b>	<b>A ESTÉTICA DA POESIA DIGITAL (INTERATIVIDADE E MULTIMODALIDADE) .....</b>	<b>09</b>
<b>4.1</b>	<b>Corpus de análise - Uma prosa necessária.....</b>	<b>10</b>
<b>4.2</b>	<b>Análise do perfil @ondejazzmeucoracao .....</b>	<b>11</b>
<b>4.3</b>	<b>Análise do perfil @poesia.flix .....</b>	<b>13</b>
<b>4.4</b>	<b>Síntese analítica dos perfis .....</b>	<b>15</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>16</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>17</b>

# DA JANELA PARA A TELA: A ARTE POÉTICA QUE RESISTE NA ERA DIGITAL<sup>1</sup>

Erika dos Santos Rodrigues <sup>2</sup>

## RESUMO

O presente artigo analisa as transformações vividas pela poesia na era digital, investigando de que modo a interatividade e a multimodalidade redefinem a experiência estética e o papel do leitor diante das novas tecnologias de comunicação. O estudo objetiva, ainda, compreender como a poesia se ressignifica ao migrar do suporte impresso para o digital, especialmente em plataformas como o *Instagram*. Considerando o diálogo entre tradição e inovação, discutem-se aproximações entre os princípios da poesia concreta e as práticas poéticas que emergem nas redes sociais. Adota-se uma metodologia de abordagem qualitativa e descritivo-analítica, fundamentada em autores como Jauss (1994), Chartier (1999) e Santaella (2010), o corpus analítico é composto por publicações dos perfis poéticos @ondejazzmeucoracao, de Ryane Leão, e @poesia.flix. Os resultados apontam que a poesia digital amplia o acesso à criação literária e promove uma recepção mais interativa e colaborativa, na qual o leitor atua como cocriador da obra. Conclui-se que a poesia digital não apenas resiste, mas se reinventa como uma arte viva, participativa e plural, reafirmando sua relevância estética e cultural nas dinâmicas da cibercultura contemporânea.

**Palavras-chave:** poesia digital; interatividade; multimodalidade; poesia concreta; redes sociais.

## ABSTRACT

This article analyzes the transformations experienced by poetry in the digital age, investigating how interactivity and multimodality redefine the aesthetic experience and the role of the reader in the face of new communication technologies. The study also aims to understand how poetry is redefined as it migrates from print to digital formats, especially on platforms like Instagram. Considering the dialogue between tradition and innovation, the article discusses connections between the principles of concrete poetry and the poetic practices emerging on social media. A qualitative and descriptive-analytical methodology is adopted, based on authors such as Jauss (1994), Chartier (1999), and Santaella (2010). The analytical corpus is composed of publications from the poetic profiles @ondejazzmeucoracao, by Ryane Leão, and @poesia.flix. The results indicate that digital poetry expands access to literary creation and promotes a more interactive and collaborative reception, in which the reader acts as co-creator of the work. It can be concluded that digital poetry not only resists, but reinvents itself as a living, participatory, and plural art form, reaffirming its aesthetic and cultural relevance in the dynamics of contemporary cyberculture.

**Keywords:** digital poetry; interactivity; multimodality; concrete poetry; social networks.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado como requisito final para a obtenção do título de graduação em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia.

<sup>2</sup> Aluna formanda do 8º semestre do curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas.

## 1 INTRODUÇÃO

A construção poética, uma das manifestações artísticas mais antigas da humanidade, vive um intenso processo de transformação na era digital. A instantaneidade e a globalização, impulsionadas por redes sociais e novas tecnologias, reconfiguram os modos de criação, compartilhamento e apreciação poética. Outrora, poetas românticos descreviam belas mulheres absortas em leituras poéticas nas janelas; hoje, o avanço tecnológico substitui a janela pela tela, deslocando a leitura poética para o ambiente digital e a apreciação poética pode se manifestar na navegação do *feed* do *Instagram*. Dessa forma, nosso artigo partiu da seguinte problemática: de que modo a interatividade e a multimodalidade presentes nas plataformas digitais, especialmente o *Instagram*, modificam a experiência estética da poesia e o papel do leitor contemporâneo?

Nesse contexto, é possível perceber que essa mudança traz novas possibilidades de acesso e interação, mas também, apresenta desafios significativos sobre o valor e a natureza da arte literária. Visto isso, a poesia digital surge como um fenômeno estético e cultural que tensiona as fronteiras entre literatura, imagem e tecnologia, revelando novas formas de criação e recepção poética.

Diante desse cenário, emergem questões sobre a legitimidade, o valor estético e o papel social da poesia digital. Plataformas digitais, como o *Instagram*, democratizaram a publicação, permitindo que um número crescente de autores (as) divulgue seus versos para audiências globais, superando as barreiras editoriais tradicionais, que era moldado por um cânone literário restrito a pessoas de classe social mais privilegiada, pela crítica especializada e pelo ambiente acadêmico. Essa acessibilidade expandida atinge públicos que talvez nunca tenham frequentado uma livraria, alcançando leitores com perfis diversos que buscam inspiração rápida em seus feeds, e essa inspiração pode levá-los(as) a procurar experiências estáticas em outros lugares, que hoje não são tão limitados. Como sarais literários, batalhas de *slams* e feiras de livros que reúnem diversos autores e autoras para conversar com o público. Muitos desses autores e autoras já divulgam seus trabalhos nas redes sociais, mostrando que a literatura pode estar em muitos lugares diferentes.

Assim, o objetivo geral deste estudo consistiu em compreender como a poesia se ressignifica ao migrar do suporte impresso para o digital, especialmente em plataformas como o *Instagram*. Para alcançarmos o posto no objetivo geral organizamos os específicos na seguinte ordem: investigar como a interatividade e a multimodalidade influenciam a experiência estética da poesia digital; examinar a relação entre autor, leitor e obra à luz da estética da recepção no

contexto das plataformas digitais; analisar os perfis poéticos @ondejazzmeucoracao e @poesia.flix como representações da poesia digital contemporânea e refletir sobre o impacto da cibercultura na democratização, circulação e legitimação da poesia.

A pesquisa adotou abordagem qualitativa, de caráter descritivo-analítico, fundamentada em pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo. A base teórica centra-se nos estudos de Jauss (1994), Chartier (1999), e Santaella (2010), que oferecem suporte para compreender a experiência estética, a materialidade do texto e as dinâmicas da cultura digital.

O corpus foi selecionado com base em critérios de relevância estética, regularidade de publicação, representatividade do fenômeno e engajamento do público. A análise segue procedimentos de análise de conteúdo, considerando elementos de interatividade, multimodalidade, estética visual e práticas de recepção. O estudo inclui observação das postagens, formas de engajamento, recursos visuais e textuais, além da leitura interpretativa fundamentada na estética da recepção. Como afirma Hans Robert Jauss:

A historicidade da literatura não se baseia na organização de 'fatos' literários que se dão por si mesmos, mas antes na experiência do leitor que apreende a obra, julga-a, compreende-a e a interpreta, e assim, ao mesmo tempo, determina a sua eficácia. A história da literatura é um processo de recepção e produção estéticas que se realiza na atualização da obra pelo leitor. (Jauss, 1994, p.78).

Complementarmente, recorre-se aos estudos de Roger Chartier (1999), historiador da leitura, que em *A aventura do livro: do leitor ao navegador* analisa os sentidos sociais atribuídos aos textos por autores e leitores. Chartier argumenta que a tecnologia altera a história da leitura, a inscrição do texto na tela gera uma estrutura de recepção distinta da dos livros manuscritos ou impressos. Segundo o autor:

o livro deixa de ser um objeto estático para se tornar um percurso de leitura que se reconfigura a cada novo leitor, a cada nova tecnologia que o intermedeia. Passa-se, assim, da figura do 'leitor', sujeito que recebe um texto já pronto, para a do 'navegador', que constrói seu próprio trajeto entre fragmentos, hiper-links e plataformas digitais. (Chartier, 1999, p. 27).

Assim, na era digital, os conceitos de leitor e recepção expandem-se exponencialmente, tornando a interação com a obra mais rápida e coletiva. É um momento fascinante para a poesia, no qual a democratização e a circulação se chocam com as questões de valor, autenticidade e o próprio propósito da arte em um mundo digital.

Portanto, a relevância deste estudo reside na necessidade de compreender como a poesia, historicamente vinculada ao suporte impresso, reinscreve-se em ambientes mediados por algoritmos, interações instantâneas e consumo rápido. Para compreender as implicações dessa transformação, este estudo é organizado em cinco seções. Na introdução, apresentam-se o tema, os objetivos e a relevância acadêmica do estudo, destacando-se a importância de compreender como a poesia, tradicionalmente vinculada ao suporte impresso, ressignifica-se em ambientes mediados por tecnologias digitais.

A segunda seção, discute como a democratização do acesso, impulsionada pelas redes sociais, transforma as práticas de leitura, escrita e circulação poética, aproximando o universo digital de manifestações presenciais, como *saraus* e *slams*. Na terceira seção, traça-se a evolução dos suportes e das formas de leitura, desde a oralidade até a era digital. A quarta seção é dedicada à estética da poesia digital, onde se examinam a interatividade e a multimodalidade como elementos centrais na criação de novas experiências sensoriais e interpretativas. Por fim, a quinta seção apresenta as considerações finais, sintetizando os principais resultados e sugerindo direções para pesquisas futuras.

Dessa forma, em um cenário cultural marcado pela cibercultura e pela expansão das redes sociais, analisar a poesia digital torna-se fundamental para compreender novas práticas de leitura, formas de recepção e modos contemporâneos de produção estética.

## **2 DEMOCRATIZAÇÃO, ACESSO E A REINVENÇÃO DO ENCONTRO LITERÁRIO**

“A arte existe porque a vida não basta”

(Ferreira Gullar)

A contemporaneidade tem testemunhado uma grande transformação no universo da poesia, impulsionada pela ascensão da era digital. Essa metamorfose não se limita à forma como os versos são produzidos e compartilhados, mas reconfigura fundamentalmente os mecanismos de democratização, acesso e engajamento com a arte poética.

A internet, com suas plataformas digitais e redes sociais, pulverizou barreiras históricas de publicação e circulação, permitindo que um número sem precedentes de indivíduos se tornasse produtor e consumidor de poesia. Essa expansão não ocorre em um vácuo, ela dialoga e se articula intrinsecamente com manifestações literárias presenciais, como *saraus*, batalhas de *slams* e feiras de livros, criando um ecossistema dinâmico onde o virtual e o físico se complementam na expansão do alcance poético.

Historicamente, a poesia esteve sob exame de instituições literárias e crítica especializada, que detinham o poder de definir o cânone e legitimar autores. A era digital desmantelou significativamente esse controle, a autopublicação, facilitada por *blogs*, *sites* e esse processo de democratização da publicação poética, principalmente, pelas redes sociais como o *Instagram*, conferiu a qualquer indivíduo com acesso à tecnologia a capacidade de compartilhar suas criações poéticas instantaneamente. Essa democratização do ato de publicar reduziu drasticamente os custos de produção e distribuição, tornando a poesia mais acessível tanto para quem escreve quanto para quem lê, rompendo com as limitações geográficas e temporais da circulação impressa. Como observa Santaella (2010, p. 45), “as mídias digitais dissolvem as antigas fronteiras entre emissores e receptores, transformando cada sujeito conectado em um potencial produtor e difusor de cultura”.

Essa abertura do espaço poético resultou na emergência de novos perfis de produtores. Jovens e adolescentes, muitas vezes explorando suas experiências, emoções e visões de mundo de maneira crua e direta, tornaram-se vozes proeminentes. Indivíduos de diversas origens socioeconômicas e profissionais, que antes poderiam não ter vislumbrado uma carreira literária formal, encontram nas plataformas digitais um canal para sua expressão criativa. Ademais, a poesia contemporânea entrelaça-se com outras mídias, como artes visuais, música e vídeo, gerando produções multimodais onde a autoria se torna mais fluida e colaborativa, ampliando o espectro de quem pode ser reconhecido como criador poético.

A tese de doutorado do professor Robério Pereira Barreto (2013), intitulada *Weblog e as práticas interacionais de escrita: webletramentos*, mostra como essa transformação já é uma realidade para os alunos em suas interações diárias; o estudo da poesia, por sua vez, ilustra como esse processo se manifesta na esfera cultural, tornando a poesia um fenômeno mais democrático e participativo. Percebe-se que a democratização da poesia nas redes sociais é um exemplo concreto de como as práticas interacionais de escrita investigadas na tese de *webletramento* permitem que novos públicos se engajem e participem ativamente da produção e fruição cultural.

Paralelamente à democratização da produção, a era digital redefiniu o público leitor de poesia. O consumo poético tornou-se mais fragmentado e visual, com poemas curtos e de fácil digestão ganhando destaque em *feeds* de redes sociais. Essa exposição, muitas vezes acidental, atinge leitores casuais e aqueles que tradicionalmente não se considerariam leitores de poesia. As plataformas digitais fomentam o engajamento ativo por meio de curtidas, comentários e compartilhamentos, transformando o leitor em participante engajado na difusão e, por vezes,

na cocriação de significados. Comunidades online se formam em torno de *hashtags* e grupos, promovendo discussões e descobertas mútuas.

É nesse contexto de expansão digital que os saraus literários, batalhas de *slams* e feiras de livros ganham uma relevância renovada e um papel estratégico na democratização do acesso à poesia. Embora sejam manifestações presenciais, esses eventos funcionam como extensões e complementos do universo digital. Os saraus, com sua tradição de palco aberto, continuam a ser espaços de acolhimento para novos poetas, mas agora potencializados pelas redes sociais que amplificam sua divulgação e atraem um público mais jovem e conectado, que pode ter descoberto a poesia online e busca uma experiência mais imersiva.

As batalhas de *slams*, em particular, exemplificam a fusão entre a poesia falada, performática e acessível, com o alcance viral das plataformas digitais. Performances emocionantes e impactantes circulam amplamente em vídeos, despertando a curiosidade. Essa inspiração rápida encontrada no ambiente virtual pode ser o catalisador para que o espectador procure por eventos presenciais, como os próprios *slams* ou saraus, desejando vivenciar a energia do público e a força da performance ao vivo.

As feiras de livros, por sua vez, consolidam-se como pontos de convergência onde o digital encontra o físico. Elas se tornaram espaços de grande diversidade, acolhendo editoras independentes, autores autopublicados e artistas que ganharam visibilidade online. Para o leitor que descobriu poetas em seus *feeds*, as feiras literárias a exemplo da “FLISAJ (Santo Antônio de Jesus – BA)” e “FLICA (Cachoeira – BA)”, oferece a oportunidade de adquirir o livro físico, conhecer o autor e participar de eventos paralelos. Essa experiência presencial pode, então, retroalimentar o engajamento digital, com o leitor compartilhando suas novas descobertas e aprofundando seu interesse pela obra.

Assim, o ciclo se completa: a inspiração inicial, proveniente do consumo rápido em plataformas digitais, serve como um convite para a busca de experiências mais profundas e comunitárias. Essa busca conduz o indivíduo a saraus, batalhas de *slams* e feiras de livros, onde a poesia se manifesta de maneira tangível. Nesses espaços, a poesia se torna mais do que um texto a ser lido, é uma experiência a ser vivida, compartilhada e sentida, fortalecendo o laço entre o criador e o público.

A acessibilidade expandida proporcionada pela era digital, portanto, não isola os leitores em suas telas, mas os impulsiona a buscar outras formas de conexão com a arte. A inspiração rápida encontrada em *feeds* digitais atinge públicos diversos, que possivelmente não frequentaria uma livraria tradicional ou um evento literário mais formal. Essa ponte entre o

virtual e o presencial é fundamental para a contínua democratização da poesia, garantindo que ela alcance públicos mais amplos e diversos, fomentando a diversidade de vozes e perspectivas.

### **3 DO PAPIRO AO FEED: O HISTÓRICO DA POESIA E A TRANSIÇÃO PARA O DIGITAL**

“A poesia é a arte de fazer sentir”

(Cecília Meireles)

A trajetória histórica da poesia está intrinsecamente ligada aos suportes e tecnologias que medeiam sua produção, circulação e, de modo fundamental, sua recepção. Cada mudança no meio material através do qual o texto poético é apresentado ao público impõe reconfigurações profundas, que afetam não apenas a forma e o conteúdo da obra, mas também a própria dinâmica de interação entre o leitor e o texto. Essa relação reflete os princípios da estética da recepção, teoria que entende a literatura como um diálogo contínuo entre obra e leitor. Conforme destaca Jauss “a história da literatura é um processo de recepção e produção estéticas que se realiza na atualização da obra pelo leitor (1994, p. 78)”.

Contudo, a transição para o ambiente digital representa uma ruptura de velocidade e dimensão sem precedentes. A ascensão das plataformas digitais e das redes sociais como espaços de criação e consumo poético transforma radicalmente tanto a materialidade do texto quanto o que o historiador Roger Chartier (1999) denomina de “ordem dos discursos”. Nesse novo paradigma, a figura do leitor tradicional cede espaço a um novo agente. Para compreender a magnitude da transformação digital, é útil revisitar os marcos de mediação anteriores que, sucessivamente, redefiniram o horizonte de expectativas do público leitor ao longo do tempo.

Primeiramente, vem a tradição oral, nesta era, a poesia existia como performance; a dimensão coletiva, a memorização e a variação eram elementos essenciais, e o ouvinte/receptor desempenhava um papel ativo tanto na transmissão quanto na contínua reinterpretação dos poemas. Em seguida, a cultura manuscrita, com o advento da escrita manual, a obra poética adquiriu um caráter de preciosidade e exclusividade. Sua circulação era restrita a círculos seletos, geralmente letrados, o que conferia ao texto um status distinto e moldava uma recepção mais controlada e limitada a um público específico.

A jornada histórica dos suportes da poesia atinge um ponto de inflexão decisivo com a invenção da imprensa de Gutenberg no século XV. Essa inovação tecnológica não apenas democratizou a circulação poética em uma escala sem precedentes, mas também consolidou a

figura do autor como uma entidade pública e redefiniu a própria lógica da leitura. Como observa Chartier, “a revolução do impresso modificou profundamente as formas de produção e de circulação dos textos (1999, p. 27)”.

A produção em massa de livros impressos introduziu uma nova materialidade ao texto: a estabilidade e a fixidez. Esse formato favoreceu o surgimento de um modelo de leitura mais linear e, em certa medida, passivo, no qual predominava a figura do leitor que recebe um texto já pronto, conforme a conceituação de Chartier (1999). Ainda nesse contexto, a interação proposta pela estética da recepção permanece crucial, pois a atualização da obra pelo leitor ainda era o que ativava seu sentido, estabelecendo um horizonte de expectativas que seria desafiado por movimentos futuros.

Posteriormente, outros contextos de mediação refinaram essa relação. Nos séculos XVIII e XIX, o florescimento dos salões literários e dos periódicos criou espaços de circulação para a poesia. Esses meios engajaram um público leitor emergente, que participava ativamente do debate cultural, estabelecia novas referências de valor e demandava constante novidade. Durante o século XX, as vanguardas, com seus manifestos e experimentações formais radicais, expandiram deliberadamente os limites do que era considerado poesia. Esses movimentos exigiram dos leitores a construção de uma perspectiva mais flexível, preparada para a ruptura com os cânones, e formas tradicionais de leitura. A obra modernista frequentemente demandava um leitor mais ativo e cocriador do sentido.

A transição da poesia para o ambiente digital pode ser demarcada em fases distintas, cada uma aprofundando a reconfiguração da experiência de leitura. A princípio, destaca-se a emergência da web 1.0 (c. 1990-2000): a paisagem poética iniciou sua transformação radical com o surgimento da internet comercial. Os primeiros suportes, como sites estáticos, blogs e “e-zines” (revistas eletrônicas), permitiram a publicação de versos em formatos de hipertexto. Essa estrutura introduziu uma navegação fragmentada e não linear, sinalizando uma ruptura com a lógica sequencial do livro impresso.

Em seguida, destaca-se também, a popularização dos *e-books* e da autopublicação (c. 2000-2010). Ferramentas como o *Kindle (Amazon)* e serviços como o *Lulu books* permitiram a distribuição instantânea e global de obras poéticas, contornando os intermediários tradicionais do mercado editorial. Simultaneamente, surgiram comunidades de leitores em plataformas como o *Goodreads*, onde resenhas, debates e comentários passaram a moldar coletivamente a recepção das obras. Nesses espaços digitais, a participação ativa do público na formação do significado e no estabelecimento do valor literário tornou-se explícita e mensurável, evidenciando na prática os princípios da estética da recepção.

Apesar das transformações anteriores, foi a consolidação das redes sociais visuais a partir de 2010 (com plataformas como *Instagram*, *TikTok* e *Pinterest*) que catalisou a metamorfose mais profunda na poesia contemporânea. Nestes ambientes, a poesia encontrou um terreno fértil para se manifestar em formatos breves e de alto apelo visual, como os “*instapoemas*”, *microvídeos* de recitação e *GIFs* animados. A tipografia, antes um mero suporte para o texto verbal, transformou-se em um elemento de design gráfico intrínseco à experiência poética. A dimensão visual e a textual se integram de modo indissociável, criando uma obra multimodal. As *hashtags* (ex: #poesiabrasileira, #instapoetry) emergiram como caminhos hipertextuais dinâmicos. Elas funcionam como novas redes de leitura, conectando milhares de obras e autores, e criando microecossistemas literários onde a recepção, manifestada por curtidas, comentários e compartilhamentos, é registrada e quantificada em tempo real.

Essa materialização transforma a obra poética em um fluxo contínuo, no qual o texto é constantemente reinterpretado e ressignificado pela interação direta do público. Aqui, a tese de Roger Chartier (1999) se torna exemplar: o texto poético deixa de ser um objeto estático para se tornar “um percurso de leitura que se reconfigura a cada novo leitor, a cada nova tecnologia”. Essa dinâmica desafia noções tradicionais de cânone, a validação de uma obra passa a ser influenciada por métricas de engajamento, forçando uma reavaliação crítica sobre o que constitui a boa poesia e qual o propósito da arte em um cenário digital onde a circulação, o acesso e a visibilidade de diversas vozes se tornam critérios de sucesso tão palpáveis.

#### **4 A ESTÉTICA DA POESIA DIGITAL (INTERATIVIDADE E MULTIMODALIDADE)**

A poesia digital redefine a experiência poética ao integrar interatividade e multimodalidade, diferenciando-se da transposição do texto impresso para o meio digital. Trata-se de uma forma artística que se configura como obra viva, na qual o leitor assume um papel ativo. Essa dinâmica transforma a leitura em um processo de cocriação, resultando em significados colaborativos e experiências singulares e personalizadas. Como afirma Lúcia Santaella (2010), “a interatividade transforma o espectador em cocriador da obra”, evidenciando a dissolução das fronteiras entre autor e leitor, agora reposicionados como coautores da experiência estética.

Nesse contexto, torna-se imprescindível retomar a poesia concreta<sup>3</sup> como referência fundamental, uma vez que ela já propunha a indissociabilidade entre forma e conteúdo,

---

<sup>3</sup> A poesia concreta surgiu no Brasil na década de 1950, tendo como principais expoentes os irmãos Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Décio Pignatari, reunidos no grupo Noigandres. O movimento propôs

conforme já conceituou os irmãos Campos<sup>4</sup>, explorando o espaço gráfico e a visualidade da palavra. A poesia digital amplia essa concepção ao incorporar recursos multimídia e interativos, nos quais elementos visuais, sonoros e animados articulam-se de modo orgânico aos versos. Essa integração rompe com a linearidade característica da leitura tradicional, possibilitando uma experiência estética não linear e sinestésica, na qual o leitor participa de um percurso interpretativo plural e dinâmico.

Entre os nomes de destaque, a poeta e artista brasileira Lenora de Barros constitui-se como uma das principais representantes femininas da poesia visual no Brasil, com atuação desde as revistas *Polem* (1974), *Poesia em Greve* (1975) e *Corpo Estranho* (1976). Filha do artista concretista Geraldo de Barros, cresceu imersa no ambiente das artes construtivas e da poesia concreta. Seu livro *Onde se vê* (1983) evidencia a fusão entre palavra e imagem, característica marcante de sua produção. Em suas obras, fotografia e vídeo não se configuram como simples registros, mas como elementos poéticos que ampliam e tensionam os sentidos da linguagem visual e verbal.

Em síntese, a poesia digital não apenas atualiza os princípios inaugurados pelos concretistas, mas os expande ao incorporar novas linguagens e modos de interação. Esse diálogo entre tradição e inovação prepara o terreno para compreender como essas práticas se materializam nos perfis poéticos que serão analisados adiante.

#### ***4.1 Corpus de análise - uma prosa necessária***

O corpus desta pesquisa é composto por publicações dos perfis @ondejazzmeucoracao, de Ryane Leão, e @poesia.flix<sup>5</sup> no *Instagram*. A escolha desses perfis é justificada pelos seguintes aspectos:

---

a valorização visual e sonora da palavra, priorizando a disposição espacial do texto na página e a fusão entre forma e conteúdo. Publicações como *Plano-Piloto para Poesia Concreta* (1958) e *Teoria da Poesia Concreta* (1965) consolidaram seus princípios estéticos, influenciando expressões artísticas que unem palavra, imagem e som, como ocorre na poesia digital contemporânea.

<sup>4</sup> Os irmãos Augusto de Campos e Haroldo de Campos, juntamente com Décio Pignatari, foram fundamentais para a consolidação da poesia concreta no Brasil. Seu trabalho teórico e experimental redefiniu a relação entre palavra, espaço gráfico e visualidade, rompendo com a linearidade tradicional do verso e propondo uma poesia construída como objeto visual. Por meio do grupo Noigandres, os irmãos Campos formularam princípios estéticos inovadores, valorizando a materialidade sonora, tipográfica e espacial do poema. Essa proposta influenciou não apenas movimentos artísticos posteriores, mas também a criação poética contemporânea em ambientes digitais, onde a integração entre texto, imagem e dinamismo visual retoma e amplia os fundamentos concretistas.

<sup>5</sup> A coleta de dados dos perfis @ondejazzmeucoracao e @poesia.flix foi realizada durante o segundo semestre de 2025.

- a) relevância e alcance: ambos os perfis possuem muitos seguidores e um engajamento significativo, demonstrando impacto na comunidade leitora digital.
- b) diversidade de propostas: o perfil @ondejazzmeucoracao apresenta produções autorais com temáticas identitárias e afetivas, enquanto @poesia.flix atua como curador de poesia de diversos autores, oferecendo diferentes perspectivas para análise.
- c) representatividade: esses perfis exemplificam duas modalidades distintas de circulação poética no *Instagram*: autoria individual e curadoria coletiva.

A pesquisa abrange publicações dos perfis @ondejazzmeucoracao e @poesia.flix no *Instagram*, analisando posts entre janeiro de 2024 e outubro de 2025, totalizando 30 de cada perfil. A seleção foi feita com base em critérios como o engajamento (curtidas, comentários e compartilhamentos), diversidade temática e estética, além da representatividade das características multimodais e interativas.

A coleta de dados ocorreu entre setembro e novembro de 2025, utilizando métodos como observação sistemática das características dos perfis, capturas de tela das publicações selecionadas e registro de métricas de engajamento disponíveis publicamente. Também foram analisados comentários representativos, escolhidos pela sua relevância e diversidade.

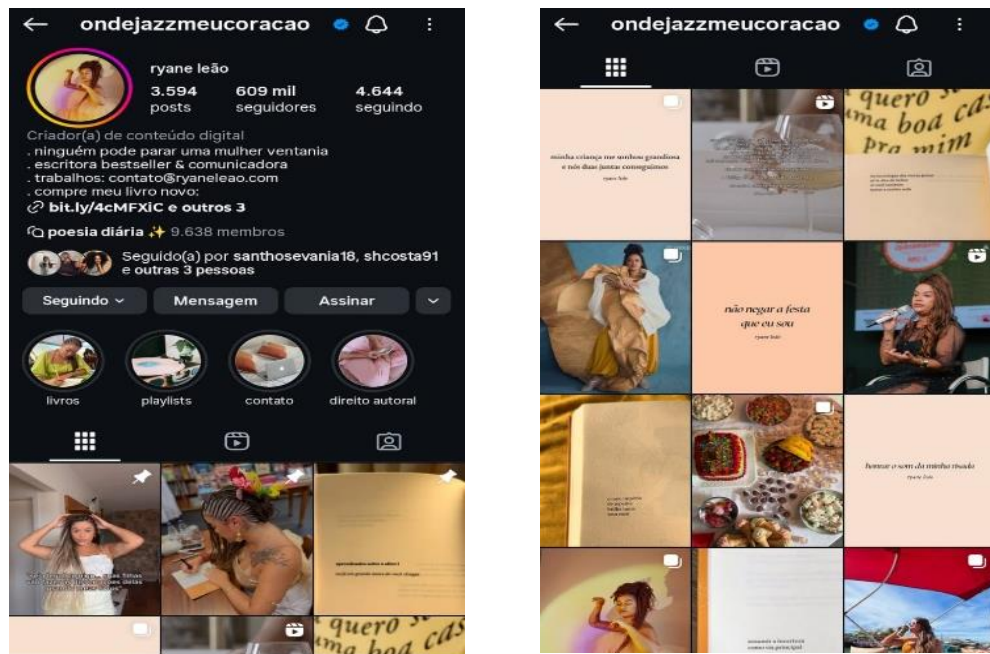
A análise dos dados seguiu os princípios da análise de conteúdo qualitativa, organizada em três etapas. Na pré-análise, o material foi estruturado e categorias analíticas iniciais foram definidas. Em seguida, a exploração do material envolveu a codificação e categorização dos dados em dimensões temáticas, multimodais e interativas. Por fim, os resultados foram tratados e interpretados, articulando dados empíricos com o referencial teórico para responder à problemática da pesquisa.

#### **4.2 Análise do perfil @ondejazzmeucoracao**

Ryane Leão é poeta, professora e escritora brasileira que ganhou notoriedade com o projeto *Onde Jazz Meu Coração*, por meio do qual compartilha poemas em redes sociais. Com mais de 600 mil seguidores no *Instagram*, tornou-se uma das vozes mais expressivas da poesia contemporânea nacional. Autora das obras *Tudo nela brilha e queima* (2017) e *Jamais peço desculpas por me derramar* (2019), Leão aborda em seus textos temas como empoderamento feminino, resistência negra e amor, consolidando uma escrita marcada pela força identitária e pela dimensão afetiva.

O perfil da poeta no *Instagram* (@ondejazzmeucoracao) exemplifica de maneira notável a estética da poesia digital contemporânea, na qual texto, imagem e som se entrelaçam em uma experiência multimodal. Com uma identidade visual marcada pelo minimalismo e pela potência simbólica da palavra, suas postagens equilibram delicadeza estética e contundência afetiva. Além disso, sua interação com o público, por meio de comentários, vídeos, transmissões ao vivo e bastidores criativos, evidencia a construção de uma comunidade leitora engajada, em que o afeto e o pertencimento são elementos centrais. Assim, sua poesia transcende o suporte digital e se afirma como uma presença viva, sensível e plural nas redes sociais.

**Figuras 01 – Perfil do *Instagram* de Ryane Leão**



Fonte: @ondejazzmeucoracao

QR CODE 01 (Referente a página @ondejazzmeucoracao):



**Fonte: @ondejazzmeucoracao**

Como observado na Figura 01, a interatividade no perfil de Ryane Leão transcende o mero engajamento; suas legendas são convites à reflexão e ao compartilhamento de vivências pessoais, transformando cada postagem em um chamado à cocriação de significados. Ao questionar: "E você, como lida com suas vulnerabilidades?", ela não apenas abre espaço para comentários, mas instiga o leitor a se tornar um protagonista da narrativa, entrelaçando uma rede de significados compartilhados. Essa dinâmica não apenas fortalece o senso de comunidade, mas também cultiva um pertencimento essencial na poesia digital contemporânea.

Ryane Leão é uma poeta que se dirige a um público plural, mas, de forma simbólica, se volta especialmente para as mulheres. Sua bio no Instagram ressoa com a frase: "Ninguém pode parar uma mulher ventania", influenciando muitas a buscarem o empoderamento. Seus versos conferem voz às mulheres, e a leveza de suas palavras atua como um acalento, ao mesmo tempo que provoca um despertar para a vida.

### **4.3 Análise do perfil @poesia.flix**

O perfil @poesia.flix no *Instagram*, que conta com mais de 600 mil seguidores, tem como proposta central “divulgar poesias e celebrar os poetas”, segundo sua própria descrição. O lema presente na biografia, “*A poesia não é uma arte morta!*”, sintetiza o propósito estético e comunicativo da página: reavivar a experiência poética no ambiente digital por meio da interatividade e da convergência de linguagens.

A estética visual do perfil remete ao universo do streaming, como se observa no logotipo com a letra “P” vermelha sobre fundo preto, que faz referência direta à identidade da plataforma *Netflix*. Essa escolha não é meramente estilística, mas simbólica, pois reconfigura o consumo da poesia nos moldes das mídias digitais contemporâneas, sugerindo que ler poesia pode ser tão cotidiano e acessível quanto assistir a um filme. Assim, o Poesia Flix propõe uma aproximação entre arte e cultura de massa, reposicionando a poesia como um produto cultural dinâmico, atual e partilhável.

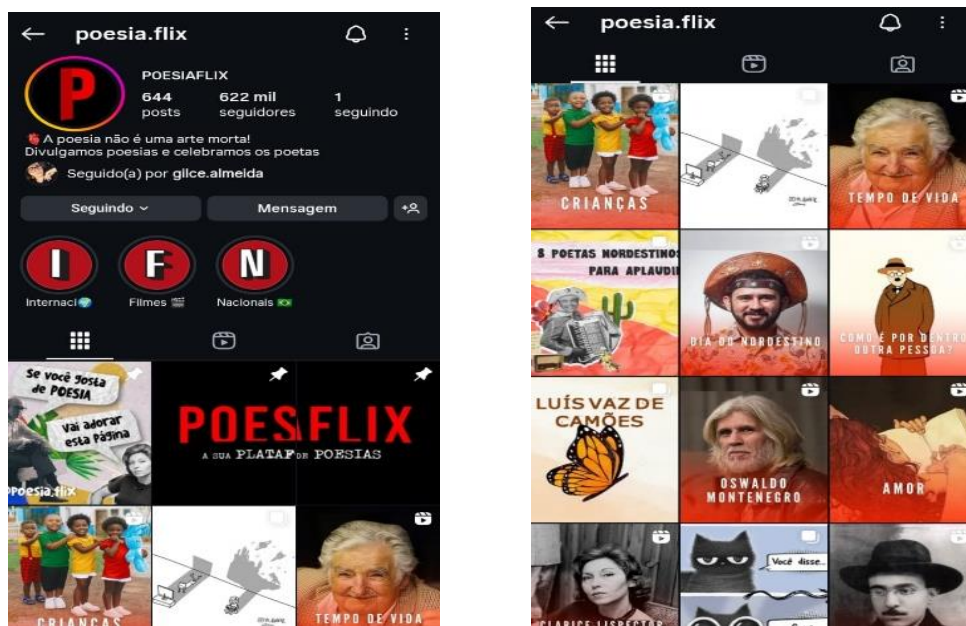
As postagens analisadas apresentam uma diversidade temática e estética: homenagens a poetas consagrados (como Clarice Lispector, Luís de Camões, Fernando Pessoa e Oswaldo Montenegro), celebrações de datas culturais (como o dia do nordestino) e publicações que dialogam com o cotidiano e com valores afetivos, como as dedicadas à infância, ao amor e ao tempo de vida. Cada post funciona como um microtexto multimodal, combinando fotografia,

tipografia expressiva, paletas de cores contrastantes e, muitas vezes, elementos de áudio e vídeo nos *reels*. Essa composição cria um ambiente visual envolvente, em que a poesia é ressignificada pela imagem e pela sonoridade, tornando-se uma experiência sensorial e interativa.

A dimensão da interatividade manifesta-se nas práticas de engajamento com o público, curtidas, comentários e compartilhamentos, que transformam o espaço em uma comunidade afetiva e literária. O perfil estimula o leitor a participar ativamente, seja reagindo às postagens, marcando amigos ou reproduzindo os conteúdos, o que amplia a circulação dos poemas e fortalece o vínculo coletivo em torno da palavra poética. Dessa forma, o Poesia Flix concretiza a ideia de coautoria proposta por Santaella (2010), segundo a qual o leitor digital é parte integrante do processo criativo e interpretativo da obra.

Em termos estéticos, o Poesia Flix reafirma que a poesia digital é, sobretudo, um espaço de trânsito entre linguagens. O texto poético convive com a visualidade das cores, com o ritmo das edições em vídeo e com o som das vozes declamando versos, instaurando uma experiência multissensorial e não linear. Essa convergência rompe com a noção tradicional de leitura e insere a poesia em um contexto de circulação expandida, acessível e participativa.

**Figuras 02 – Perfil do *Instagram* de Poesia Flix**



Fonte: @poesia.flix

QR CODE 02 (Referente a página @poesia.flix):



**Fonte: @poesia.flix**

A estética visual do perfil @poesia.flix, como evidenciado na Figura 2, remete ao universo do streaming, com um logotipo que faz alusão direta à identidade da plataforma Netflix. Essa escolha não é apenas estilística, mas simbólica, pois reconfigura o consumo da poesia nos moldes das mídias digitais contemporâneas. As postagens, que combinam fotografias, tipografia expressiva e, em alguns casos, elementos de áudio e vídeo nos reels, criam um ambiente visual envolvente, onde a poesia é ressignificada pela imagem e pela sonoridade, tornando-se uma experiência sensorial e interativa, tal como sugerido pelas imagens apresentadas

#### **4.4 Síntese analítica dos perfis**

A análise dos perfis @ondejazzmeucoracao, de Ryane Leão, e @poesia.flix evidência como a poesia digital se consolida como um campo fértil de experimentação estética e comunicativa. Ambas as produções exploram a interatividade e a multimodalidade como fundamentos de uma nova forma de fruição literária, na qual o leitor assume papel ativo e a linguagem se expande para além da palavra escrita.

Enquanto Ryane Leão constrói uma poética marcada pela afetividade e pela identidade pessoal, o Poesia Flix se destaca pela curadoria colaborativa e pela democratização da poesia, tornando-a acessível a diferentes públicos e contextos. Em comum, ambas as abordagens reafirmam o potencial das redes sociais como espaços legítimos de criação artística, capazes de promover o encontro entre o texto, a imagem, o som e a emoção.

Assim, a poesia digital reafirma-se como uma arte viva, em constante diálogo com o tempo presente. Ao unir estética e tecnologia, emoção e participação, ela transforma a leitura em experiência sensorial e coletiva, confirmando que, na era digital, a poesia não apenas resiste, ela se reinventa.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A poesia não se entrega a quem a define”.

(Mario Quintana)

Os resultados indicam que a poesia digital não representa uma ruptura absoluta com a tradição poética, mas sim uma ressignificação que incorpora as potencialidades do meio digital. A integração entre texto e imagem, a participação ativa do leitor e a construção de comunidades em torno da poesia são características que distinguem a produção digital da impressa, sem que isso implique uma hierarquia de valor estético.

Em resposta à problemática inicial, conclui-se que a interatividade e a multimodalidade transformam a experiência estética, tornando-a mais dinâmica, participativa e variada. O leitor contemporâneo não é mais um receptor passivo; ele se torna um cocriador, compartilhando, comentando e reinterpretando, o que mantém a poesia viva e em circulação. Assim, a experiência estética deixa de estar centrada exclusivamente no texto e passa a envolver a relação entre palavra, imagem, contexto de circulação e comunidade leitora.

Reconhece-se, como limitação deste estudo, o recorte focado em dois perfis e em um período específico. Pesquisas futuras podem ampliar esse escopo, investigando outros perfis e plataformas (como *TikTok* e *Twitter/X*), além de realizar estudos longitudinais que acompanhem a evolução das práticas poéticas digitais. Seria também relevante conduzir entrevistas com autores e leitores, aprofundando a compreensão das motivações, estratégias e percepções sobre a poesia digital.

Outra possibilidade para investigações futuras é a análise comparativa entre a poesia digital e a impressa, explorando como autores que circulam em ambos os meios adaptam sua linguagem a cada suporte. Além disso, investigar questões de autoria, propriedade intelectual e monetização da poesia digital, que não foram abordadas neste estudo, é crucial para compreender a sustentabilidade dessa prática.

A metáfora do título "da janela para a tela" sintetiza esse movimento: a poesia desloca-se do espaço romântico da janela, símbolo da contemplação solitária, para o espaço conectado

da tela, que representa a interação e a partilha. Nesse deslocamento, a poesia não se perde; ela se transforma, expande e se afirma como uma arte viva, participativa e plural, reafirmando sua relevância estética e cultural nas dinâmicas da cibercultura contemporânea.

## REFERÊNCIAS

BARRETO, Robério Pereira. *Weblog e as práticas interacionais de escrita: webletramentos*. 2013. 175 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

BASTOS, Marcus; ARANTES, Priscila. *Poesia, corpo e rede na obra de Lenora de Barros*. FronteiraZ – Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária, São Paulo, dez. 2021.

CAMPOS, Haroldo de. *Teoria da poesia concreta*. São Paulo: Edições Invenção, 1965.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP, 1999.

FAUSTIN VIDEHO, Ebeniza; JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

JAUSS, Hans Robert. *Literatura e experiência estética*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*. 2. ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1968.

ONDEJAZZMEUCORACAO. Perfil no *Instagram*. *Instagram*: @ondejazzmeucoracao. Disponível em: <https://www.instagram.com/ondejazzmeucoracao/>. Acesso em: 01 dez. 2025.

POESIA.FLIX. Perfil no *Instagram*. *Instagram*: @poesia.flix. Disponível em: <https://www.instagram.com/poesia.flix/>. Acesso em: 01 dez. 2025.

QUINTANA, Mario. *Esconderijos do tempo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980.

SANTAELLA, Lúcia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2010.